

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT08.017](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT08.017)

# A PROMOÇÃO DA LUDICIDADE, DA CONVIVÊNCIA E DO PERTENCIMENTO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DA ESCRITA DE UM JORNAL ESCOLAR

**Giselle Bezerra Mesquita Dutra**

Dutoranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, [gibmdutra@gmail.com](mailto:gibmdutra@gmail.com);

**Adriana Leite Limaverde Gomes**

Doutora pelo Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, [adrianalimaverde@ufc.br](mailto:adrianalimaverde@ufc.br).

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a promoção da ludicidade, da convivência e do pertencimento no ensino fundamental através da escrita de um jornal escolar. Para isso, adotamos os conceitos de Buckingham (2010) sobre o letramento midiático, as abordagens de Baltar (2010) sobre as mídias escolares, e de Bonini (2011) e de Ijuim (2004) sobre o jornal escolar. Sendo uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, utilizamos como técnicas de construção de dados: a observação participante das ações desenvolvidas por estudantes do Clube do Jornal, em uma escola pública municipal de Fortaleza, no Ceará; a entrevista semiestruturada com dois membros pertencentes a cargos de gestão do clube e as cartas pessoais redigidas por parte de seus integrantes. Como resultados, identificamos que a ludicidade deve estar presente nesse contexto de coletividade discursiva pois proporciona momentos de prazer, de acolhimento e de certa liberdade aos participantes do clube. Quanto à convivência, constatamos que os estudantes interagem dentro e fora do Clube do Jornal por meio de

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT08.017](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT08.017)

A PROMOÇÃO DA LUDICIDADE, DA CONVIVÊNCIA E DO PERTENCIMENTO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DA ESCRITA DE UM JORNAL ESCOLAR

reuniões, de passeios, de conversas, de bingos, de leituras e de outras práticas de letramento que envolvem a produção do jornal escolar. Sobre a noção de pertencimento, essa sensação está atrelada à questão discursiva que esse projeto proporciona para cada integrante através do uso da linguagem viva e funcional. Em outros termos, eles passam a se reconhecer e a serem reconhecidos como atores sociais que contribuem para a melhoria da escola. Como percepção final deste trabalho, fica nítido que o desenvolvimento do jornal dentro da escola oportuniza práticas para além da leitura e da escrita uma vez que os estudantes do clube se divertem, convivem e se fazem pertencer como protagonistas no espaço educacional.

**Palavras-chave:** Ludicidade, Convivência, Pertencimento, Jornal Escolar, Ensino Fundamental.

## INTRODUÇÃO

O jornal escolar pode ser utilizado não apenas como instrumento de ensino-aprendizagem da linguagem escrita, mas também como mídia interativa entre os estudantes, proporcionando, assim, um desenvolvimento mais eficaz de múltiplos letramentos. Em um pensamento mais específico acerca das práticas de letramento, é imprescindível a ideia de que, ao produzirem esse suporte midiático na escola, os estudantes desenvolvem e fortalecem práticas de ludicidade, de convivência e de noção de pertencimento no meio educacional. Partindo desse pressuposto, traçamos como objetivo para este artigo acadêmico analisar a promoção da ludicidade, da convivência e do pertencimento no ensino fundamental através da escrita de um jornal escolar.

Para alcançar o objetivo citado, adotamos os conceitos que Buckingham (2010) traçou para descrever o letramento midiático, as abordagens de Baltar (2010) sobre as mídias escolares e as ideias de Bonini (2011) e de Ijuim (2004) sobre o jornal escolar. Além do diálogo com esses autores renomados, é válido ressaltar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como incentivadora dos estudos relacionados ao campo jornalístico-midiático nos anos finais do ensino fundamental e nos anos do ensino médio. Esse documento curricular da educação básica do país afirma o seguinte:

Pretende-se que os jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos (BRASIL, 2018, p. 519).

Nesse sentido, Bonini (2011, p. 149-150) defende a iniciativa de serem desenvolvidos mais trabalhos pedagógicos com o uso do jornal, afirmando que, no Brasil, “existem poucas pesquisas que relatem e analisem essas experiências, de modo que ainda pouco se sabe sobre como são produzidos esses jornais e que lugar ocupam no conjunto dos conteúdos ensinados na disciplina de Língua Portuguesa”.

Quanto à metodologia, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, e utilizamos as seguintes técnicas de construção de dados em um escola pública de ensino fundamental do município de Fortaleza, no Ceará: observação participante das ações desenvolvidas pelo Clube do Jornal; entrevista semiestruturada com dois membros pertencentes a cargos de gestão do clube e cartas pessoais redigidas pela maioria de seus integrantes por meio de uma simulação de proposta textual. Todos esses procedimentos estão bem delimitados na seção dedicada à metodologia no decorrer deste texto.

Como resultado, percebemos que, por meio das ações observadas, das respostas dos estudantes às entrevistas e dos escritos das cartas pessoais, o processo de editoração de um jornal escolar oportuniza práticas para além da leitura e da escrita uma vez que os estudantes do clube se divertem, convivem e se fazem pertencer como protagonistas no espaço educacional. Temos, portanto, a comprovação de que a escrita, quando realizada de maneira autoral e prazerosa pelos estudantes, sem a necessidade hermética e imediata de uma avaliação leitora por parte do docente, atinge finalidades diversas dentro dos contextos linguístico, pedagógico e discursivo da linguagem, garantindo, assim, a principal dimensão do letramento, que é a prática social.

Este texto é composto por esta Introdução, como também, pela Metodologia, que versa sobre os caminhos mais específicos de desenvolvimento da pesquisa; pela seção de Resultados e discussão, na qual garantimos uma análise dos dados coletados à luz do objetivo e dos teóricos elencados; pelas Considerações Finais, as quais mostram o resultado sintético de toda a investigação envolvendo ludicidade, convivência e pertencimento através da escrita de um jornal escolar; e pelas Referências, que listam os autores e as obras mencionadas no decorrer do artigo.

## **METODOLOGIA**

A presente investigação, em sua propositura, teve uma abordagem qualitativa por se tratar de uma análise, de uma reflexão, através do estudo das ações sociais, individuais e grupais dos sujeitos envolvidos, realizando um exame intensivo dos dados em fonte

direta destes (MARTINS, 2004). O estudo teve ainda um caráter etnográfico (CHIZZOTI, 2006), uma vez que, para analisarmos as práticas envoltas no contexto de produção de um jornal escolar, necessitamos, por algum período, estabelecer uma vivência direta com o Clube do Jornal.

Quanto ao local, tratou-se de uma Escola de Tempo Integral (ETI), que faz parte da rede pública municipal de Fortaleza, considerada do tipo urbana, a qual atende discentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. O nome real da instituição foi mantido em sigilo em toda a extensão deste texto, como um dos preceitos que envolvem a ética na pesquisa. Em relação aos participantes, foram 25 estudantes do Clube do Jornal, sendo 21 discentes do 6º ano e 4 do 7º ano. Vale ressaltar que eles estão nomeados, no decorrer deste texto, pela função que ocupavam dentro do clube no momento da pesquisa, e que a investigação utilizou termos de assentimento – para as crianças –, e de consentimento – para seus pais e/ou responsáveis conforme estabelece o Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) com humanos.

É apropriado também esclarecer que este trabalho foi produzido utilizando dados do acervo da pesquisa de mestrado da autora principal (DUTRA, 2018) enquanto que a coautora realizou colaborações significativas para a elaboração deste texto em específico, uma vez que elaboramos um novo objetivo mediante uma nova problematização, e, conseqüentemente, enfatizamos resultados diferenciados dos relatados na dissertação.

Para a construção dos dados, utilizamos as seguintes técnicas de pesquisa: observação participante, entrevista semiestruturada e análise de cartas redigidas por parte dos integrantes do grupo midiático. No caso da observação, focamos em acompanhar as reuniões, os encontros, as conversas, um bingo realizado pelo clube, a entrega dos jornais em sala, assim como todos os eventos que fizeram parte de uma edição inteira do jornal escolar, buscando analisar a promoção da ludicidade, da convivência e do pertencimento no ensino fundamental através desse suporte textual. Em relação à entrevista semiestruturada, elaboramos perguntas voltadas ao presidente do Clube do Jornal e à secretária temporária uma vez que eles representavam cargos de gestão dentro do clube. E quanto à análise das cartas pessoais redigidas, propomos que

os estudantes do clube escrevessem uma carta a um colega de outra escola descrevendo as experiências que eles vivenciam sendo integrante do Clube do Jornal. A seguir há o desenvolvimento dos resultados com as devidas discussões pautadas no objetivo traçado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre a prática de escrita com ludicidade, a necessidade de que o processo de produção do jornal, assim com o produto, seja lúdico/divertido para quem integra o projeto, bem como para os leitores, pareceu-nos muito evidente. Assim, identificamos que uma das mais relevantes motivações para a integração entre as tarefas de cada um dos membros do Clube do Jornal foi o fato de a diversão estar presente nesse contexto. A secretária temporária do clube – a Roberta – fez uma declaração, em entrevista, a respeito dos motivos que a levam participar desse movimento dentro da escola.

ROBERTA: Assim, é uma coisa divertida como eu lhe falei, a gente sai da sala *pra* entregar as cartas que as pessoas botam ... tinha uma caixa que botava as cartas dentro *pra* entregar, *tinha* várias coisas, aí eu achei bem divertido e quis entrar [sic].

Na fala anterior, Roberta faz alusão a um projeto paralelo ao Clube do Jornal, que é o Clube do Correio. Nessa iniciativa, os estudantes, segundo relatos deles próprios, produzem e entregam cartas para outros colegas dentro da instituição, num movimento de interação entre esses sujeitos. Não nos alongaremos para descrever tal atitude pois, na realidade, enquanto estivemos convivendo com os discentes, por ocasião do período da pesquisa, não presenciemos nenhuma ação concreta sobre esse clube em destaque. O que, porém, desejamos destacar com os dizeres da Roberta é o valor lúdico que, de maneira geral, os projetos escolares têm no cotidiano dos alunos de tempo integral; e o Clube do Jornal está inserido nessa perspectiva.

A mesma integrante do grupo, em outra resposta, quando indagada sobre como o projeto do jornal influencia em sua vida estudantil, ela utiliza constantemente palavras e expressões que remetem a divertimento, como: “eu me divirto muito”; “eu me divertia

muito"; "é muito legal"; "eu gosto de participar porque é assim divertido". Isto é, enquanto a rotina escolar, geralmente, impõe regras e é pautada para cumprimento de componentes curriculares e de aulas, a participação em uma coletividade discursiva, como é o caso do Clube do Jornal, proporciona a esses estudantes de ensino fundamental, momentos de prazer, de acolhimento, de diversão e de certa "quebra da mesmice" imposta pela instituição escolar.

Durante os períodos de observação, percebemos que os participantes do clube, independentemente de sua função dentro desse contexto de letramento, divertiam-se em muitas ocasiões do processo de edição. Por exemplo, no momento da reunião geral, vimos várias situações em que eles davam risadas livremente; sentiam-se contentes em poder opinar acerca da escolha dos assuntos, dos gêneros e da escolha do professor que seria entrevistado – geralmente os mais queridos por eles –; faziam gozação de um colega que havia chegado atrasado e sentiam-se livres na sala de aula sem a presença de seus professores.

Isso também aconteceu no momento do bingo, em que pareciam se sentir satisfeitos por poderem participar de uma atividade que envolvia toda a escola. A participação nesse evento se tornou ainda mais divertida porque todos os partícipes estavam concorrendo a uma caixa de chocolates com o propósito de angariar um *pendrive* para o clube. Devido ao fato de termos presenciado esses acontecimentos, inferimos que, se o Clube do Jornal não promovesse aos seus componentes essa movimentação prazerosa, o projeto talvez não estaria durando até o momento da pesquisa. Sobre isso, destacaremos a fala do presidente – mais adiante – quando abordarmos a preocupação dos produtores do jornal com a audiência.

A ludicidade representa uma característica importante no processo de produção do jornal ao ponto de, nas palavras dos estudantes-jornalistas, ser necessário levá-la até aos leitores, ou seja, aqueles alunos que não fazem parte do clube, mas que leem a versão impressa ao final da edição. Dessa maneira, a escolha dos assuntos que são abordados no exemplar escrito é influenciada pela presença da diversão. Isso é o que declara uma estudante "procuradora de informações", com nome fictício de Lara, em sua carta pessoal: "Minha função no jornal é ser espia, eu procuro as

notícias mais legais que rolam na escola". Nesse ínterim, a importância da ludicidade não é exclusiva aos componentes do Clube do Jornal, mas, é compartilhada aos seus leitores, entendendo que esse suporte midiático deve ser bem-humorado para a audiência local.

Além da escolha dos assuntos, a escolha dos gêneros discursivos/textuais também sofre a decisiva influência da ludicidade, uma vez que os estudantes preferem publicar piadas, lendas engraçadas envolvendo cada sala de aula, entrevistas com os professores mais queridos e famosos da instituição, fofocas e recadinhos. Esse aspecto da escolha dos temas (no caso, os assuntos divertidos da escola) e dos gêneros discursivos/textuais a serem publicados no jornal (piadas, lendas e fofocas) nos remete à constatação de que os estudantes demonstram compreender bem a relação entre escritor/leitor e produção/audiência. Isso significa afirmar que esses sujeitos, mesmo sem uma proficiente reflexão discursiva sobre suas realizações dentro do jornal, tendem a constituir uma produção jornalística voltada a um interlocutor real e participante, que é o próprio grupo discente da instituição, no qual eles mesmos estão inseridos.

Sobre esse aspecto, Rojo e Barbosa (2015, p. 87-88), com base nas ideias de Bakhtin, explicam que

o tema é o conteúdo inferido com base na **apreciação de valor**, na avaliação, no **acento valorativo** que o locutor (falante ou autor) lhe dá. É o elemento mais importante do texto ou do enunciado: um texto é todo construído (composto e estilizado) para fazer ecoar um tema. O tema é o sentido de um dado texto tomado como um todo "único e irrepetível", justamente porque se encontra viabilizado pela refração da apreciação de valor do locutor no momento de sua produção. É pelo tema que a ideologia circula (grifo nosso).

Portanto, a produção – nesse caso, do jornal escolar – congrega, como afirma Buckingham (2010), aspectos bastante curiosos que nos são revelados a partir de quem está comunicando, para quem e por quê. No contexto em estudo, são os 25 componentes do Clube do Jornal que comunicam para toda a comunidade escolar, priorizando os estudantes, porque existem motivações reais de troca de informações pautadas, predominantemente, pela presença

da ludicidade. Afinal, os interlocutores são crianças e adolescentes os quais cursam as séries finais do ensino fundamental e têm profunda afinidade com histórias interessantes e engraçadas.

Assim, como o que ocorre em qualquer intenção comunicativa de enunciação real, o jornal escolar passa a ter uma funcionalidade interessante dentro da comunidade desses alunos, com intenções claras diante da escolha dos temas, das composições e dos estilos de seus gêneros (BAKHTIN, 2003). Tudo isso ocorre porque os estudantes do clube põem em prática as suas estratégias de chamar a atenção da audiência específica: os demais estudantes da escola.

Ainda nessa direção, Rojo e Barbosa (2015, p. 108) teorizam a respeito da situação social mais imediata, a qual rege as condições reais de qualquer enunciação. Para essas autoras,

são elementos essenciais desta situação social mais imediata os parceiros da interlocução: o locutor e seu interlocutor, ou horizonte/auditório social, ao qual a palavra do locutor se dirige. São as relações sociais, institucionais e interpessoais desta parceria, vistas a partir do foco da apreciação valorativa do locutor, que determinam muitos aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do texto ou discurso.

Dessa forma, o jornal escolar parece se tornar, para os estudantes, uma alternativa eficiente de cunho discursivo-pedagógico para diminuir, no ambiente escolar, a mórbida e desanimadora atividade de escrever somente para o cumprimento de uma avaliação redacional. Assim, a atividade de escrita com um sentido concreto possibilita aos produtores do jornal – mesmo inconscientemente – elegerem estratégias de composição, de estilo e de tema que sejam agradáveis a seu público-leitor. Com isso, conseqüentemente, eles estão realizando práticas genuínas de letramento – embora, no caso em estudo – ainda estejam estritamente conectadas ao meio escolar.

Na concepção dos estudantes, quando indagados sobre as vantagens de manter o jornal funcionando na escola, o presidente do clube prontamente respondeu, em entrevista:

PAULO: Nós podemos fazer com que todos da escola saibam de coisas importantes que aconteceram no

dia a dia, também contar piadas e *assustar elas* um pouco com as lendas [sic].

Por meio desse trecho de fala, fica evidente que uma preocupação que os escritores do jornal têm com a sua audiência é a de informá-la acerca dos fatos escolares, procurando selecioná-los de acordo com o que esses interlocutores, porventura, podem considerar importante, engraçado, cômico, divertido - e até espantoso. Isso já ficou bastante evidente quando destacamos a relação da escolha dos temas com os gêneros discursivos/textuais, sempre com a intenção de atingir uma audiência específica, que possa interagir positivamente com as produções escritas veiculadas pelo jornal estudantil.

Afinal, como defende Antunes (2009, p. 215), esse acordo entre escritor e leitor resulta do fato de que “quem escreve deve empenhar-se em assegurar, a seu leitor, as pistas necessárias, em cada contexto, para que ele possa reconhecer os sentidos e as intenções pretendidos, sem dificuldade”. No caso, então, o desejo dos estudantes é o de não deixar o jornal escolar um produto impresso enfadonho e monótono, mas, pelo contrário, divulgar, junto com as informações, satisfação, alegria e contentamento para os leitores da comunidade escolar.

Paulo, o presidente do clube, também deixa claro, durante entrevista, que a manutenção do Clube do Jornal é mediada pelo prazer de receberem um *feedback* positivo por parte dos leitores.

PAULO: Então, depois que eu criei o clube do jornal, aí todo mundo começou... aí, quando eu publiquei já os primeiros jornais, os alunos, eu percebi, já, que toda a escola já *tava* lendo, todas as pessoas do ônibus já *tavam* gostando. Eu ia desistir, por causa que eu já pensava que eles não iam gostar muito, que as fotos saíam um pouco borradas, as letras saíam muito grandes e pegava muita página, mas, depois, quando eu vi que *tava* todo mundo gostando do jornal, me inspirou aquilo e eu resolvi continuar com o clube [sic].

Fica nítido, através dessa passagem, que escrever envolve discursividade autêntica, ou seja, a atividade escritora pressupõe uma finalidade própria (ANTUNES, 2003), pois, nas práticas reais de letramento, a escrita não é vazia em si mesma, pelo contrário, ela

tem sua essência pautada na dialogicidade. Nesse contexto, alcançar o público-leitor é tarefa essencial.

Certamente é isso que destoa a produção do jornal escolar das demais tarefas escolares, que, geralmente, são extremamente metalinguísticas para o cumprimento de avaliações sistemáticas. No caso em questão, os escritores dessa mídia se preocupam com a audiência e tentam moldar suas produções mediante o que essa interlocução gosta. Na fala anterior do Paulo, também podemos constatar que, mesmo em meio a dificuldades de ordem técnica, como prejuízos na formatação, na digitação e na disposição gráfica das impressões, o foco principal desses idealizadores do Clube do Jornal é "alcançar" a audiência, com enunciados/textos engraçados, humorados, lúdicos, interessantes e importantes dentro do contexto da escola.

As cartas pessoais dos estudantes também comprovam a presença e a importância da ludicidade, tanto para quem compõe as edições do jornal como para os seus leitores, que, segundo os autores, a audiência se sente atraída para conhecer o conteúdo da versão impressa. Dentre as treze cartas redigidas, quatro expõem essa questão de maneira bem evidente, cujos autores, nomeados a seguir de forma fictícia, juntamente a suas funções nesse contexto de letramento, usaram as seguintes expressões.

LARA (procuradora de informações): "eu procuro as notícias mais legais que rolam na escola". CARLOS (procurador de informações): "que aqui seja divertido, é um colégio muito legal e que nós *teja* fazendo vários jornais, notícias.". PAULO (presidente): "aqui tem tantas coisas legais, como o jornal escolar que eu mesmo criei aqui na escola". RICARDO (procurador de informações): "escrevo o que acontece de mais interessante e mando pro líder... se ele achar bom (legal)... [sic]

Ao nos depararmos com essas declarações dos próprios elaboradores da mídia escolar, envolvendo a questão da ludicidade na produção do jornal, através de expressões como "legal(is)", "divertido", "interessante" e "bom", tivemos a curiosidade de ler mais sobre o assunto. Nesse sentido, constatamos que alguns autores, como Ijuim (2004), por exemplo, já haviam ressaltado o caráter lúdico que

o jornal escolar manifesta entre os estudantes, conforme sugerem as palavras grifadas a seguir.

O conjunto de atividades exigidas pelo jornal leva à ação conjunta e solidária, numa espécie de **jogo**. Esta **atividade lúdica**, que cativa e enfeitiça a todos os participantes, sejam educandos ou educadores, é um dos fatores que tornam o fazer jornalístico na escola um **prazer**. Como já constatei anteriormente, o reconhecimento pelo aluno de sua autoria é outro fator de **motivação** que lhe proporciona **alegria**. Enfim, o relacionamento entre os participantes, com **alegria** e **afeto** propostos pela produção de jornais escolares tem propiciado mais que bons jornais, mas a atitude de **prazer** e **amor**. [...]. Como estratégia, que permite flexibilidade e adaptabilidade a faixas etárias e situações peculiares, [o jornal] promove também o **sentido lúdico**, que proporciona a aproximação, a sedução, a sensibilização entre crianças e adultos, exercendo os papéis sociais de educandos e educadores. O **brincar** e a **fantasia** para a criança, ou o **espírito de aventura para o adolescente**, constituem **atmosferas lúdicas** favoráveis para envolver e **motivar** os participantes (IJUIM, 2004, p. 28-32, grifo nosso).

Como podemos perceber, as declarações do autor citado anteriormente resumem de modo satisfatório o que também constatamos, de modo semelhante, no campo de nossa pesquisa. Detalharemos a seguir como as atividades envoltas ao Clube do Jornal proporcionam valiosas situações de convivência entre os componentes do grupo e como esses sujeitos se sentem pertencentes a uma sociedade discursiva relevante dentro do ambiente educacional.

Sobre o fortalecimento da convivência e da noção de pertencimento, iniciamos com uma frase retirada da carta pessoal escrita por Lara – nome inventado de uma “procuradora de informações” – que diz: “Eu gosto muito do jornal porque eu fico mais perto dos meus colegas”. Apreciamos como enfática essa frase porque ela nos ajuda a ilustrar o que observamos e o que os estudantes declararam durante o processo de investigação: que o Clube do Jornal oportuniza, entre eles, momentos de convivência, os quais nos pareceram valorosos. Além disso, a frase também ajuda a ilustrar a

noção de pertencimento, a qual serve de motivação para o início da editoração jornalística.

Assim como a ludicidade, a convivência e a noção de pertencimento dentro do Clube do Jornal resultam de atividades de cunho social entre os componentes, os quais fortalecem os laços afetivos e culturais. Esses vínculos se fazem perceber a partir dos significados e dos sentidos que esses estudantes de ensino fundamental veem em suas ações de realização do jornal. Ou seja, esses sujeitos convivem não somente dentro da sala de aula por uma obrigação de frequentar a escola, mas eles ampliam suas possibilidades de agir, de conviver e de trocar experiências enquanto usuários da língua, procurando compor uma certa prática dialógica dentro do universo escolar, e, com isso, dinamizar o senso de coletividade, de amizade e de democracia mediante as decisões que precisam ser tomadas. O convívio no Clube do Jornal expressa, portanto, um fundamento importante na ampliação das práticas letradas, uma vez que o conceito de letramento vincula os sujeitos às vivências sociais através da escrita.

Portanto, podemos inferir que o jornal escolar, em toda sua completude – desde o início do processo até a distribuição final dos exemplares – configura uma oportunidade singular, para os estudantes, de desenvolvimento da linguagem, haja visto ser inevitável, dentro do espaço pedagógico, a construção de relações de convivência entre os sujeitos que, mesmo com suas diferenças identitárias, constituem fortes semelhanças de caráter sócio-econômico-cultural.

Nessa perspectiva, não podemos deixar de comentar que, durante nossas observações, constatamos uma forte valorização da convivência entre os estudantes de toda a escola. Um exemplo a respeito disso ocorreu por meio da organização de passeios dentro do clube e, até mesmo, fora dele, integrando este a outros clubes da escola. Sobre essa integração, o presidente do jornal, na reunião geral do clube, leu um texto que deveria se configurar como uma notícia a ser escolhida pelos membros para publicação na edição que eles estavam organizando.

PAULO: O passeio dos clubes – O clube do cinema e do jornal se juntaram temporariamente para fazer um emocionante passeio, que ocorreu no dia 01/07/2017. Os membros dos dois clubes dizem que se divertiram

muito e que o passeio foi para uma piscina que se localizava próximo à Praia do Futuro, no posto Petrobrás dos empregados.

Mais adiante, na mesma reunião – evento principal do planejamento editorial – Paulo iniciou a escolha para um novo passeio com os demais integrantes e, a partir desse momento, o encontro se concentrou nessa discussão. O debate fortaleceu ainda mais a noção de compartilhamento de ideias, numa típica atividade de convivência social, desenvolvendo valores como: respeito, simplicidade, parceria, atitudes democráticas, ouvir o outro, concordar e, até mesmo, discordar, uma vez que as oposições também estão presentes em qualquer momento de coletividade. Para ilustrar esse aspecto, apresentaremos a seguir um longo trecho desse encontro, em que o presidente foi conduzindo as sugestões e as ideias para decidirem a respeito do passeio do clube, ficando nítido que projetar um encontro fora da instituição possibilita que esses sujeitos se relacionem além da prática da escrita do jornal.

PAULO: Ah, o passeio, já ia me esquecendo... No início de julho teve o passeio, como eu já falei – do Clube do Jornal e do Cinema –, e agora eu *tava* pensando em fazer o passeio só do Clube do Jornal. Mas, eu queria um local que não fosse nada copiador, *tipo* a piscina, que já foi, e o cinema, que a gente já vai, né?, porque a tia Maria organizou.

VÁRIOS ALUNOS: (Todos conversam dando sugestões...)

PAULO: Tu *tem* dinheiro? Ecopoint? Beach Park?

PAULO: Tu *tem* 120 reais? Eu queria alguma coisa básica, uma coisa que a maioria da escola se interesse. Quem quiser falar levanta a mão!

VÁRIOS ALUNOS: (discussões...)

PAULO: Daqui a pouco vocês vão querer ir *pra* Lagoa da Viúva (risos).

VÁRIOS ALUNOS: (sugestões: Engenhoca, Lagoa da Parangaba, Detran...)

PAULO: Oh, gente! Rio Mar. Shopping da Parangaba... *Play Gold*...

VÁRIOS ALUNOS: (discussões sobre preços e lugares...)

PAULO: Vocês conhecem alguma praia que não seja tão forte...

VÁRIOS ALUNOS: (discussões...)

PAULO: Gente, vamos fazer uma votação, quatro locais: piscina, cinema, praia ou *Play Gold*.

Em relação à convivência, eles demonstram que fazem programas juntos dos mais variados. Mas, é preciso ter um encontro apenas do Clube do Jornal, ou seja, um momento com identidade, que não copie a ideia dos outros e que seja apenas de quem pertence a esse clube. Dessa forma, mesmo que inconscientemente, os estudantes-jornalistas desejam fortalecer a identidade do grupo em meio à comunidade escolar, e isso é sinônimo de convivência positiva e de atitude de pertencimento. Nessa perspectiva, ratificamos a ideia de que o desenvolvimento da convivência e a noção de pertencer a uma coletividade fazem parte das motivações importantes para que o Clube do Jornal exista.

Podemos, então, facilmente atrelar essas concepções de identidade, de pertencimento, de convivência e de coletividade ao que fundamenta o nosso trabalho desde o início, que é a imersão dos letramentos em práticas sociais, contextualizadas e dentro de propósitos situados. Ou seja, pensamos que as atividades desenvolvidas por esse clube refletem práticas e/ou eventos de diversos letramentos (multiletramentos) e que a escrita não pode ser exclusiva nesse processo porque esse grupo vivencia muitas demandas que envolvem questões sociais, além de somente escrever textos e entregá-los para a leitura.

Esse pensamento implica que, além da proposta principal de escrever fatos relevantes veiculados através de uma mídia impressa para a audiência escolar, o clube oportuniza outras práticas sociais, como reuniões, bingos, passeios, que ficam na base do planejamento do grupo. Nos trechos dos áudios transcritos anteriormente, construídos a partir do momento da reunião do grupo, o que nos chamou a atenção também foi a consciência que esses sujeitos têm em relação a sua condição socioeconômica, procurando um local de passeio acessível em termos de preço e de distância da escola, a

fim de que não houvesse gastos excessivos com a entrada do lugar nem com o transporte.

Ainda sobre o passeio, Paulo tece um comentário a respeito de uma das suas funções, enquanto presidente do clube, durante a técnica da entrevista. Disse ele: “eu que vou pensando em cada... nos passeios do clube...”. Com um tom de satisfação, na mesma entrevista, ele descreveu como foi o último passeio.

PAULO: Em junho, teve um garoto da minha sala, que é o Bruno [nome fictício], ele criou o Clube do Cinema. Aí, eu *tava* pensando em fazer um passeio, mas, não sabia *pra* qual lugar exato: *pra* uma praia, *pra* uma piscina, *pra* um cinema. Aí, ele fez o passeio *pra* ir *pra* uma piscina no Clube Petrobrás das Empregadas. Aí, eu falei com ele, falei com a representante do clube dele, que é a professora Lúcia [nome fictício]. Aí, eu fui e pensei: até agora, só houve um passeio, que foi lá *pra* Petrobrás, que era uma piscina e que ficava aqui em Fortaleza, eu acho ... e cada um podia pagar R\$6,00. Então, eu fui e me juntei ao clube dele [do cinema], juntei o meu clube, temporariamente, durante o passeio no clube dele e fiz o passeio e, assim, ajudando a pagar o ônibus e, assim, pagando as passagens de entrar [sic].

Ele fala de como pensou no estabelecimento de parceria com outro clube para poder, além de unir forças, proporcionar um lazer ao clube que ele dirige. Da mesma forma, consegue ver o espírito de liderança, de respeito às instâncias hierárquicas, como no caso em que ele falou não apenas com o fundador do Clube do Cinema, mas também com a professora que representa o clube junto à escola. Isso, de certo modo, reflete uma compreensão acerca de ser e de estar em espaços sociais, mediados pela comunicação e pela linguagem. Não é à toa que ele decidiu criar o Clube de Jornal.

Além dos passeios, outras atividades paralelas ao jornal escolar fortalecem ainda mais essa interação dos estudantes, como as reuniões – para procederem à organização e ao funcionamento da edição – e os bingos – para arrecadarem certa quantia e comprarem materiais para o clube, no caso, uma câmera e um *pendrive*. Vale refletir que os educandos percebem que, ao escrever para o jornal da escola, exercem atividades interativas e dialógicas, pois

essas práticas letradas coadunam com atitudes do conviver na realidade, sem o artificialismo, muitas vezes, empregado nas atividades corriqueiras das aulas de Língua Portuguesa.

Esse aspecto fica bastante ilustrativo quando Paulo declara, para nos responder em entrevista, sobre o que ele nota de diferente entre escrever para o jornal e escrever em outras oportunidades dentro da escola, como em tarefas, provas e redações. Assim ele se expressou:

PAULO: Nos jornais, nós podemos nos comunicar, mandar mensagens, anúncios, avisos, diversos outros tipos de texto pra todos da escola, e já as *tarefas e atividades oral, pessoal, que fica com você mesmo* [sic].

É nítida a diferença que o líder do Clube do Jornal aponta entre escrever para o jornal e para as tarefas escolares. Ele percebe o aspecto dialógico da prática escritora para o jornal. Ou seja, ele acaba refletindo que existe mais oralidade nas tarefas escolares e que elas quase representam algo que fica com eles e para eles, que não alcançam uma audiência concreta. Enquanto isso, no veículo midiático, a escrita de alguns gêneros atinge a todos na escola; se realmente não atinge a todos, mas isso ao menos serve como uma percepção de que a audiência é de largo alcance. Todas essas questões, portanto, estão relacionadas ao tópico que estamos discutindo, o qual se trata da convivência e do pertencimento, pois o clube oportuniza para eles ações concretas de dialogicidade, muito além dos simples deveres escolares. A respeito desse senso de coletividade, mediada pela linguagem discursiva, que o jornal escolar desenvolve, podemos destacar a seguinte citação de Ijuim (2004, p. 32), para quem o

jornal escolar, por seu processo dinâmico e pela seleção de temas não impostos pode abrir espaços para o desenvolvimento das subjetividades, para a vivência das afetividades, das emoções; contribuindo, desse modo, para o desenvolvimento de novas sensibilidades. [...]. Seu processo também proporciona visualizar situações para o desenvolvimento de atitudes autônomas, posturas críticas, que podem contribuir para a conscientização da sua função social e/ou à reflexão

dos valores expressos em suas matérias. [...]. Como processo, flexível e não autoritário, promove tanto iniciativas individuais, como também trabalhos participativos e/ou coletivos. Em outros termos, é processo de muitas mãos e, portanto, pode favorecer o desenvolvimento da humanização de todos – educandos, educadores que passam a ver a escola como: comunidade, família.

É interessante também como as atividades envolvidas, através da convivência, fortalecem a noção de pertencimento dos estudantes, ou seja, eles desenvolvem mais ainda suas identidades dentro do contexto escolar quando participam do Clube do Jornal. Até mesmo nós, enquanto pesquisadora, tivemos nosso papel social na escola, como a “tia do jornal”. De certo modo, isso certamente valorizou o clube e os seus integrantes em relação aos colegas, aos professores e aos gestores da instituição, demonstrando a relevância do grupo como tema de uma significativa pesquisa acadêmica.

Além disso, o sentimento de pertença também ficou evidente quando, em entrevista, Paulo afirmou que coleciona os exemplares de cada edição, pois gosta de ter lembranças do momento: “eu *coleciono eles* [os jornais] *pra* recordar o momento, o que a gente criou nessa escola”. Essa atitude destaca bem o “orgulho” desenvolvido por aqueles que fazem parte do Clube do Jornal, pois, certamente, essa sensação de pertencimento está atrelada à questão discursiva que esse projeto proporciona para cada integrante através do uso da linguagem viva e funcional. Em outros termos, eles passam a se reconhecer e a serem reconhecidos como atores sociais que contribuem para a melhoria da escola.

Ainda avançando nessa reflexão, Ijuim (2004, p. 19), pesquisador do jornal escolar, defende que esse projeto possibilita “o planejamento conjunto e participativo[...]; o desenvolvimento individual num ambiente de troca [...]; o reconhecimento de pessoas diferentes e de saberes diferentes; a prática para a compreensão de que educar é um ato político”. Nessa perspectiva, podemos relacionar os dizeres desse estudioso às ideias freireanas de educação, em que o jornal, dentro da escola, veicula uma não neutralidade desde o momento em que os estudantes selecionam, principalmente, os assuntos e os gêneros discursivos/textuais, configurando, de certa forma, uma ação política dentro do ambiente educacional.

Ainda a respeito do pertencimento, conciliado com a capacidade inovadora de escrita dos estudantes na perspectiva do letramento crítico, Baltar (2010, p. 182) evidencia que

de acordo com seus projetos pessoais e com o desejo de integrar novos projetos coletivos, o estudante pode ampliar seus mundos de letramento, suas redes de **pertencimento**, e paulatinamente apropriar-se dos gêneros textuais/discursivos que figuram nos diversos ambientes discursivos nos quais vislumbra transitar. Essa apropriação não significa mera cópia ou submissão a modelos já prontos dos textos que circulam em seus ambientes discursivos originais. Ao contrário disso, apropriar-se de um gênero significa agir pelo gênero com capacidade criativa de adaptá-lo à produção circunstanciada (grifo nosso).

Concluimos que, por se sentirem pertencentes ao próprio processo de letramento, os estudantes que integram o Clube do Jornal da escola de tempo integral em Fortaleza (Ceará), lócus da nossa pesquisa, podem, inclusive, inovar em suas produções escritas conforme sua criatividade e suas intenções linguístico-discursivas dentro desse contexto midiático escolarizado. A seguir, destacaremos a finalização do nosso trabalho com as considerações pertinentes aos resultados mais significativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados, identificamos que a ludicidade, quando está presente nesse contexto de coletividade discursiva, proporciona momentos de prazer, de acolhimento e de certa liberdade aos participantes do clube. Quanto à convivência, constatamos que os estudantes interagem dentro e fora do Clube do Jornal por meio de reuniões, de passeios, de conversas, de bingos, de leituras coletivas e de outras práticas de letramento que envolvem a produção do jornal escolar. Sobre a noção de pertencimento, essa sensação está atrelada à questão discursiva que esse projeto proporciona para cada integrante através do uso da linguagem viva e funcional.

Em outros termos, eles passam a se reconhecer e a serem reconhecidos como atores sociais que contribuem para a melhoria

da escola. Como percepção final deste trabalho, fica nítido que o desenvolvimento do jornal dentro da escola oportuniza práticas para além da leitura e da escrita uma vez que os estudantes do clube se divertem, convivem e se fazem pertencer como protagonistas no espaço educacional.

É válido ressaltar que as análises dos achados desta pesquisa envolvendo o processo da escrita de um jornal escolar não encerram aqui, podendo manter diálogo com novas publicações acadêmicas no campo educacional das linguagens no ensino fundamental. E, por tudo o que foi revelado com responsabilidade metodológica por parte das autoras deste texto, afirmamos que este trabalho possui legitimidade e aplicação empírica perante a comunidade científica.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set/dez, 2010.

BALTAR, M. Letramentos e gêneros textuais midiático-escolares. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 177-190, jan./jun. 2010.

BONINI, A. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DUTRA, Giselle Bezerra Mesquita. **O processo e o produto editorial de um jornal escolar impresso**: investigação acerca do letramento jornalístico de estudantes do ensino fundamental. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

IJUIM, J. K. **Jornal escolar e vivências humanas**: um roteiro de viagem, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, mai/ago. 2004.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.